

QUADRAGÉSIMO ANIVERSÁRIO

por Mário Soares

O 25 de Abril de 1974 é uma data preciosa, de decisiva importância, que deve ser festejada, com cravos na lapela, como sempre foi, todos os anos, à excepção dos dois últimos.

Foram os militares - e mais ninguém - embora com o apoio imediato dos populares, que apoiaram e seguiram Salgueiro Maia, herói já falecido (que devia estar no Panteão), que com o seu tanque esteve em frente ao Quartel da Guarda Nacional Republicana, onde o ditador Marcelo Caetano estava escondido, desde madrugada, quando soube que havia tropas na rua contra a Ditadura.

Os militares perceberam então que as guerras coloniais estavam perdidas e que a ONU exigia a autodeterminação dos países colonizados, estando por isso Portugal completamente isolado.

É, portanto, aos militares de Abril - e a mais ninguém - que devemos tudo: a liberdade, a eliminação da Censura, da PIDE, de tão má memória, a abertura aos Partidos e tudo o que veio depois do 1º de Maio de 1974.

Os militares de Abril não quiseram o poder o que mostra o seu idealismo desinteressado. Por isso, quanto mais não seja, devem ser respeitados, no dia do seu aniversário. Mas não têm sido. Há dois anos que não estão presentes no Parlamento, porque são maltratados. E eu, permitam-me que o diga - também não tenho ido porque sou solidário com eles.

O Presidente Cavaco Silva nunca usou o cravo. E agora se percebe porquê. Porque antes do 25 de Abril foi salazarista. Embora tanto deva ao regime que resultou da Revolução dos Cravos. Mas só agora se compreende e a dois anos do fim do seu mandato e protector de um Governo, que em boa parte pensa como ele, a verdade vem ao de cima. Como sempre.

Orgulho-me da Fundação a que presido já ter uma exposição interessante sobre o 25 de Abril, aberta ao público que a quiser ver, e também na Casa Museu João Soares, nas Cortes. Além disso, os Amigos da Casa Museu, organizaram um jantar/ conferência, como tem sido hábito, onde o próprio Presidente Cavaco Silva já participou como orador. Desta vez, na última 6ª. feira, esteve António Costa, Presidente da Câmara de Lisboa, que fez uma conferência "Portugal: 40 anos depois do 25 de Abril. E agora?", seguida de debate com imensos participantes e com muito êxito.

As desgraças do Governo

Imagine-se que entre outras desgraças das muitas que o actual Governo tem inventado para dar mais dinheiro à Troika ou aos seus apaniguados, teve agora a peregrina ideia de fazer desaparecer o Instituto de Odivelas, por onde passaram tantas filhas de militares, que depois foram ilustres, para poder vir a construir muitos complexos imobiliários. Mas não só.

Também resolveram destruir o Colégio Militar, com tanta história, e aproveitar o imenso espaço que tem, com árvores e campos de jogos, por onde passaram filhos de militares superiores, muitos deles hoje já Brigadeiros e Generais, igualmente para vender, naturalmente, a quem mais pagar. De resto, a história e os protestos de Generais e Almirantes, ao Governo parecem não interessar nada.

Quer dizer, o Instituto de Odivelas e o Colégio Militar vão desaparecer. E os jovens alunos, raparigas e rapazes que lá estudam bem como, porventura, alguns dos respectivos professores, esses vão todos, ao que parece, para o Instituto dos Pupilos do Exército, criado pela República, para os filhos de militares menos graduados e aí vão tentar englobar tudo: as alunas de Odivelas e os rapazes do Colégio Militar, além dos que são alunos dos Pupilos do Exército. A situação está, seguramente, a criar uma grande indignação entre as Forças Armadas. Mas isso não conta, em especial para o ministro da Defesa, que parece gostar de prejudicar as Forças Armadas que dele

dependem. Porque o Governo actual só pensa no dinheiro e as pessoas, não contam, como já tenho dito várias vezes.

É óbvio que a indignação é grande nas Forças Armadas, que têm sido humilhadas, várias vezes, pelo ministro da Defesa. E, no caso em questão, devem reagir, como alguns Generais já fizeram, porque num Estado com tanta história, como o nosso, em que as Forças Armadas sempre constituíram um orgulho para Portugal e também no estrangeiro, onde são respeitadas, o que nos dá tanta honra, não podem deixar-se humilhar no seu País, pelo qual sempre se bateram, na terra e no mar.

É verdade que quanto ao Colégio Militar alguns militares eminentes foram à televisão chamar a atenção para o erro imenso que constituiria levar os alunos e talvez alguns professores para o Instituto dos Pupilos do Exército, que é aliás muito digno - o meu Pai foi professor dos Pupilos do Exército e sempre prezou muito essa instituição - mas é diferente com o instituto de Odivelas. Não podemos esquecer a história e o garbo (lembremo-nos das paradas em que desfilaram os meninos da Luz) das duas instituições. Juntar tudo é um erro inaceitável. É um crime que as Forças Armadas dificilmente podem tolerar. Já não falo do Povo e da própria classe média porque o que deles resta, por enquanto, é o desespero, a pobreza e o desejo de emigrar.

Quanto a Odivelas permito-me referir ainda uma carta de protesto que a Professora Doutora Maria João Marcelo Curto, antiga aluna de Odivelas, dirigiu ao primeiro-ministro, sobre a "estupefacção com que tomou conhecimento da ideia do ministro da Defesa de extinguir, sem mais nem menos, o Instituto de Odivelas". E eu pergunto: Por quem se toma esse Senhor Ministro que só tem feito disparates desde que foi empossado. Quanto tempo mais, o vão tolerar as Forças Armadas, as quais só têm sido por ele humilhadas?

Uma entrevista importante

O cientista indiano Rajandra Pachauri Presidente do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas da ONU, deu uma entrevista importante à revista brasileira Veja, intitulada: "É ciência pura, e não crença". E acrescenta: "Os cientistas não são ovelhas, que podem ser manipulados". Não mesmo. Nem os cépticos ou não cépticos, visto que lidam com dados científicos, na luta quanto às mudanças climáticas, que nestes últimos meses fizeram tantos estragos com mais ou menos importância, num sentido ou noutro, conforme os lugares da Terra.

Lembrei-me logo do livro há pouco tempo publicado em Portugal, da autoria do cientista inglês, professor em Cambridge, Stephen Emmott, intitulado "Dez mil milhões, enfrentando o nosso futuro", que neste mesmo jornal comentei duas vezes, a referir que o fim da Terra seria devastador se os homens não deixarem de a estragar. Realmente este ano de 2014 tivemos, pela primeira vez ondas monumentais que fizeram desaparecer as areias das nossas magníficas praias de norte a sul do País. O que não foi um fenómeno como tantos outros, como muitos pensaram, mas único e que nunca vi, com os meus oitenta e nove anos nem nunca ouvi falar que tivesse acontecido.

Aliás, ao que sabemos de tantos séculos que a nossa História regista nunca nenhum livro o referiu.

Voltando ao cientista Rajandra Pachauri, a Veja pergunta, cito: "se a ciência do clima é incapaz de prever se vai chover no próximo fim-de-semana, de onde vem a certeza como será o clima daqui a cem anos?"

A resposta que dá é interessante quando diz "um abismo supera esses dois tipos de análise". E acrescenta: "diversos factores afectam claramente o clima de um dia para o outro. As correntes de ar podem comportar-se de uma maneira totalmente imprevisível. Quanto às mudanças climáticas profundas existe um conjunto de dados muito maior e menos sujeito a desvios inesperados. Sabemos que essa concentração de dados é hoje 40% maior do que antes da industrialização do século XVIII".

Donde resulta que a Ciência conhece até que ponto o aquecimento global do Planeta é hoje influenciado pelo homem. Donde se retira a conclusão - cito de novo - "com 95% de certeza, que a maior parte das mudanças climáticas que vêm ocorrendo, desde meados do século XX, resulta das actividades humanas". E insiste: "o problema da mudança climática não é uma crença, é o resultado

de ciência pura, que advém de um relatório feito a pedido da ONU, seleccionado por 831 cientistas de altíssimo mérito". Mas o mais escandaloso é que a ONU não age.

Note-se que as mudanças climáticas têm a ver com todo o Planeta, nos seus diferentes quadrantes. Não será um apocalipse instantâneo. Mas é uma destruição gradual. Ao contrário do que afirmou o professor de Cambridge, Stephen Emmott. Não indica uma data para o apocalipse. Mas diz que é gradual, imparável, enquanto os humanos e os mercados que os estimulam, como está a acontecer, ao que parece, sem remédio, com o degelo do Ártico e do Antártico e a subida dos Oceanos evidencia.

O texto da entrevista da Veja é bastante claro. Mas muito prudente. É o contrário do alarmismo. Mas é igualmente muito preocupante para quem o saiba bem ler. Fala muito dos incêndios e do perigo, tratando-se do Brasil, relativamente às florestas da Amazônia, que conheci quando tive o privilégio de descer de barco o Rio Amazonas. Era então Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso que me deu a oportunidade de ir de Manaus até ao Oceano. Fui de helicóptero, que ia a bordo o que me permitiu conhecer bem a floresta amazónica, com pequenas cidades todas com nomes portugueses. Sei assim o perigo que podem correr, se os cientistas não forem ouvidos.

Curiosamente tenho também medo, depois deste inverno e desta primavera tão invernososa, do que pode acontecer com os incêndios deste Verão, às nossas pequenas florestas tão pouco cuidadas. O ministro da Administração Interna prometeu que este Verão não haveria grandes incêndios, porque os Bombeiros estão atentos. É verdade mas nem sempre tem meios. Oxalá não se engane.

Um prémio e uma grande escritora

Alexandra Lucas Coelho com o seu livro "E a noite roda" ganhou, por unanimidade, o prémio literário de romance e novela da Associação Portuguesa de Escritores, com um júri excepcional, que contava com o ilustre poeta Manuel Gusmão.

Não tive ainda tempo, infelizmente, para ler o livro cuja editora é, segundo jugo, a Tinta da China. Mas vários amigos meus me falaram no livro com grandes elogios, como a minha neta Inês, o que me despertou a curiosidade. Penso lê-lo na primeira oportunidade, de uma vida cheia, apesar da idade que tenho, à beira dos noventa anos, bem vividos.

Li com alegria, num jornal, o discurso feito por Alexandra Lucas Coelho, na entrega do Prémio, na Gulbenkian, donde resulta a sua grande coragem cívica. Escreveu ela, cito: "O meu País não é deste Presidente, nem deste Governo".

Tem razão. Quando deixou de haver cultura com este Governo, sob a responsabilidade única deste Presidente, Aníbal Cavaco Silva, e só se pensa no dinheiro, desprezando as pessoas, tantas das quais a viver nas ruas, nesta primavera invernososa. O empobrecimento geral das pessoas, sobretudo da província, que está quase deserta, não só dos pobres mas também da classe média e está a desaparecer aos poucos. Que coragem a de Alexandra Lucas Coelho. Parabéns querida autora, que ainda não conheço pessoalmente, mas já tanto admiro.

Lisboa, 15 de Abril de 2014